



---

**CARTAS SOBRE A DISCÊNCIA E A DOCÊNCIA *ON-LINE*:  
UMA EXPERIÊNCIA COM PAULO FREIRE**

---

**LETTERS ABOUT ONLINE LEARNING AND TEACHING:  
AN EXPERIENCE WITH PAULO FREIRE**

---

**CARTAS SOBRE EDUCACIÓN Y ENSEÑANZA EN LÍNEA:  
UNA EXPERIENCIA CON PAULO FREIRE**

---

Aristóteles Berino<sup>1</sup>  
Talita Cabral<sup>2</sup>

**RESUMO**

Neste artigo, em forma de cartas, discutimos uma experiência docente na cibercultura, que foi a realização do curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social” logo nos primeiros meses da pandemia. A forma de Cartas foi escolhida como uma prática do diálogo entre o docente do curso e uma discente para discutir o que significou, naquele instante, a impossibilidade do ensino presencial e a adoção da prática *on-line*, observando suas possibilidades, mas também seus impasses. Paulo Freire foi o autor estudado no curso e pensamos no artigo como ele foi também um personagem das nossas práticas nos encontros *on-line*, extraído da leitura de algumas das suas obras concepções e valores sobre a educação que orientaram a razão para estudar quando a pandemia já traumatizava e precisávamos sustentar eticamente nossa escolha pela formação em tempos de emergência epidemiológica, inclusive. No artigo, a experiência do curso é recordada e refletida, passado um ano do início da sua realização, com destaque para as concepções de esperança e risco, como importante legado de Paulo Freire, que nos serve agora, na pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire. Cartas. Epidemia. Presença no mundo. Esperança. Risco.

**ABSTRACT**

In the article, organized in the form of letters, we have discussed a teaching experience in cyberculture that was the realization of the course “Paulo Freire in times of social distancing” in the first months of the pandemic. The form of Letters was chosen as a practice of dialogue between the teacher and a student, in order to discuss what, at that moment, the impossibility of face-to-face teaching and the adoption of online practice meant, noticing its

---

**Submetido em:** 31/05/2021 – **Aceito em:** 09/10/2021 – **Publicado em:** 13/10/2021

<sup>1</sup> Doutor em Educação (UFF). Docente do curso de Pedagogia da UFRRJ (IM/ Nova Iguaçu) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc/UFRRJ). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ). *E-mail:* berino@ufrj.br.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEDuc/UFRRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ). *E-mail:* talitacabral@yahoo.com.br.



possibilities, but also its impasses. Paulo Freire was the author studied in the course and we thought about the article as his being also a character of our practices in online meetings, extracting from the reading of some of his works the conceptions and values about education that guided the reason to study when the pandemic was already traumatizing and we also needed to ethically sustain our choice for studying in times of epidemiological emergency. In the article, we remember and reflect upon the experience of the course one year after its beginning, with emphasis on the concepts of hope and risk, as an important legacy of Paulo Freire, who now serves us in the pandemic.

**KEYWORDS:** Paulo Freire. Letters. Pandemic. Presence in the world. Hope. Risk.

#### RESUMEN

En el artículo, en forma de cartas, comentamos una experiencia docente en cibercultura que fue la realización del curso “Paulo Freire en tiempos de distanciamiento social” en los primeros meses de la pandemia. La forma de Cartas fue elegida como una práctica de diálogo entre el profesor del curso y una alumna para discutir lo que significaba, en aquel momento, la imposibilidad de la enseñanza presencial y la adopción de la práctica en línea, destacando sus posibilidades, pero también sus estancamientos. Paulo Freire fue el autor estudiado en el curso y pensamos, en el artículo, como también fue un personaje de nuestras prácticas en encuentros en línea, extrayendo de la lectura de algunas de sus obras las concepciones y los valores sobre la educación que orientaron la razón de estudio cuando la pandemia ya traumatizaba a todos y incluso necesitábamos sostener éticamente nuestra elección de capacitación en tiempos de emergencia epidemiológica. En el artículo se recuerda y se refleja la experiencia del curso, un año después de su inicio, con énfasis en los conceptos de esperanza y riesgo, como un importante legado de Paulo Freire, que ahora nos sirve en la pandemia.

**PALABRAS CLAVE:** Paulo Freire. Cartas. Pandemia. Presencia en el mundo. Esperanza. Riesgo.

#### INTRODUÇÃO

Há, aproximadamente, um ano e dois meses vivemos sob um cenário de muitas angústias, perdas e incertezas. Com a chegada da pandemia da Covid-19 no Brasil, oficialmente em março de 2020, vimos nossas vidas se transformarem radicalmente. A emergência epidemiológica nos fez reinventar nossa presença no mundo.

Particularmente no que diz respeito à educação, temos presenciado, desde então, um forte impacto das medidas de segurança na sua realização. Nesse contexto, as tecnologias se mostraram e se mostram como grandes aliadas ao viabilizarem – com algumas limitações, sobretudo de acesso e recursos disponíveis – os encontros e as possibilidades de aprendizagem e ensino.



Assim, mediados pelas telas, rompendo as barreiras das dificuldades de acesso e driblando a inexperiência com o novo, realizamos, professor e alunos(as), de abril a julho de 2020, a primeira edição do curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social”, como uma forma de, naquele momento, dar alguma continuidade aos estudos que não puderam mais acontecer no formato presencial. O curso teve carga horária de 30h, através de 10 encontros semanais de 3h, utilizando a Conferência Web RNP para as reuniões. Utilizamos também um grupo no Facebook para correspondência durante a semana e para compartilharmos conteúdos para os encontros *on-line*.

Para Paulo Freire, ensinar e aprender são ações que ocorrem concomitantemente e, por isso, são indissociáveis. Assim, não existe ensinar sem aprender, não existe docência sem discência e não existe, portanto, somente uma voz que possa falar sobre educação. Freire cunhou a expressão “dodiscência” para reiterar que “ensinar, aprender e pesquisar lidam com dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (FREIRE, 2020a, p. 30).

Desse modo, escolhemos a forma de cartas, utilizada por Paulo Freire em algumas oportunidades, para unir olhares, aprendizados e experiências da discência e da docência – freireanamente, da “dodiscência” – em uma reflexão em torno das conversas realizadas no período em que ocorreram os encontros *on-line* do referido curso. São duas vozes que se cruzam e se complementam a partir de dois lugares instituídos diferentes. As cartas a seguir são, portanto, uma forma de praticar o diálogo também na escrita e a comunicação da prática educacional.

\*

Petrópolis, maio de 2021.

Aristóteles,

Escrevo esta mensagem como uma forma de revisitar a experiência que vivemos, há aproximadamente um ano, no curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social”. 2021 é também o ano em que comemoramos o centenário do querido mestre Paulo Freire, pensador



que deu origem e fundamento ao curso e com quem temos conversado, pelo menos, desde então.

Passado pouco mais de um ano da primeira morte confirmada no país por Covid-19, sento-me para escrever estas palavras e me pego pensando retrospectivamente no que estamos vivendo nesses inimagináveis tempos. Hoje já seria possível vislumbrarmos um cenário diferente daquele em que se inseriu o nosso curso. Avanços científicos foram alcançados, foram desenvolvidos novos protocolos de tratamento e, inclusive, temos acesso à tão esperada vacina, com a qual chegamos a sonhar por meses a fio. No entanto, estamos ainda vivendo tempos muito difíceis. A pandemia segue fora de controle, batendo recordes diários de mortes de pessoas cada vez mais jovens, novas variantes do vírus, ainda mais contagiantes, têm se disseminado com muita rapidez, as vacinas disponíveis não chegam em quantidade suficiente para imunizar a população e dormimos e acordamos com a indignação de chamar o Bolsonaro de presidente e a sua necropolítica de (des)governo. Diante dessa conjuntura, de muita insegurança e desânimo, seguimos a tendência de questionar tudo. E, nesse momento, me questiono, pensando, principalmente, na experiência que tive como aluna do curso: qual o sentido de ler, estudar, se informar em um país como o nosso? Qual o sentido de ler, estudar e debater Paulo Freire em um país tomado por aquilo que ele, de certa forma, combateu: a desesperança? Que sentido tem, ou pode ter, a Educação, quando tudo em volta parece derreter diante de “nossas retinas fatigadas”?

Estamos, hoje, atolados na lama bolsonarista, revivendo tempos de fome, miséria, desemprego, medo, insegurança e falência moral, que tem nos impossibilitado enxergar, com clareza, qualquer possibilidade de futuro. Poderíamos pensar, nesse contexto, que o destino está dado, e quanto a esse determinismo não há nada que possa ser feito. Não precisaríamos nem nos levantar mais da cama se admitíssemos essa premissa como verdadeira. No entanto, se há algo que aprendi nas nossas conversas freireanas é justamente o oposto: a realidade não está posta. O mundo que vivemos – com suas falhas e tragédias – é passível de transformação. De uma transformação que depende de uma educação que se faça libertadora. Sendo assim, gostaria de dizer que tenho aprendido em nossos diálogos (não facilmente, é claro, mas freireanamente) que a realidade é trágica, muitas vezes, mas aberta às possibilidades de transformação.



Assim, consigo encarar freireanamente a tragédia brasileira, enxergando ao longe as possibilidades de mudanças, ainda que ínfimas, e percebo o curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social” como uma “experiência freireana existencial”. Existencial em que “a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo [...] [é possível] organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política”, em sentido amplo (FREIRE, 2020b, p. 100).

Relembro, portanto, que, em nossos encontros, nas tardes de quinta, dividimos experiências profissionais, histórias de vida, lembranças, conhecimentos, fragilidades diante da pandemia e das ações do (des)governo atual, e partilhamos, a partir disso, as nossas revoltas e indignações. Mas, mais do que isso, penso na satisfação de ter tido a oportunidade de conversar<sup>3</sup> com o mestre Paulo Freire. Conversas que, mediadas com tanta esperança, empatia, sabedoria e generosidade, me trouxeram inesquecíveis aprendizados.

Portanto, reviver, hoje, as memórias deste curso faz suscitar muitas questões e sentimentos. De início, a nossa inexperiência com o novo formato *on-line*, superada bem rapidamente, é verdade. Depois, vêm à tona algumas palavras “grávidas de mundo”, no dizer freireano, que trago aqui como forma de representar, minimamente, a grandeza do que foi esta experiência compartilhada. Diálogo, memórias, cuidado, esperança e indignação são as palavras-chave que escolho, hoje, para tentar traduzir o sentido do que foi (e é) a oportunidade de conversar com Paulo Freire em tempos de pandemia e crise política; em tempos de luto e de luta.

Uma educação freireana humanista-libertadora tem o diálogo como sua principal característica fundante. A dialogicidade é um conceito que permeia toda a obra do Paulo Freire e que, portanto, deve estar na prática do educador que tem como base os ensinamentos do mestre, assim como esteve presente na experiência do curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social”.

---

<sup>3</sup> No curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social” tivemos a oportunidade de ler e dialogar com 5 livros de Paulo Freire (**Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos** (2000), **Educação como Prática da Liberdade** (1967), **Pedagogia do Oprimido** (1970), **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido** (1992) e **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** (1996)) e a partir disso, criamos, sem dúvidas, diversas oportunidades e múltiplas formas de “esperançar”.



No seu livro mais conhecido, o **Pedagogia do Oprimido** (2020b), Paulo Freire dedica algumas páginas para falar sobre a importância do diálogo para a educação que acredita. No capítulo 3 (p. 107), Freire afirma que “a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade”. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (p. 108), diz ele.

No sentido freireano, o diálogo nos permite “olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 140). O diálogo, em que fala e escuta coexistem, é “uma exigência existencial” (FREIRE, 2020b, p. 109).

Dialogar, para Freire, é criação, é dizer sua palavra, palavra esta que é capaz de narrar e modificar o mundo a partir dos nossos modos de vê-lo e senti-lo. Nesse sentido, a palavra verdadeira é a práxis social. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer que a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2020b, p. 107).

Além disso, não há diálogo freireano possível sem amor. O amor é fundamento do diálogo e, ainda, elemento indispensável à educação dialógica. Não o “amor piegas”, diz Paulo Freire, mas o amor como “ato de valentia”, como “ato de liberdade” e, sobretudo, como “gerador de outros atos de liberdade” (FREIRE, 2020b, p. 111).

“Se pudesse escolher somente uma palavra para relacionar ao pensamento do Paulo Freire, esta palavra seria ‘diálogo’”, você nos disse, querido professor, em um de nossos encontros, reafirmando que todo o curso foi pensado e praticado freireanamente como um espaço de conversa, de diálogo e, como não poderia ser diferente, de amor.

Esta carta é construída a partir de memórias. Memórias do que vivemos no referido curso realizado no turbulento ano de 2020. Escolhi esta palavra para representar esta experiência, pois a obra de Paulo Freire é, também, uma obra de memórias. É quase impossível, tanto quanto desnecessário, desvincular sua vida, suas experiências, suas memórias, de sua obra.



No livro **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido** (2020c), o autor nos conta sobre um momento de sua vida de profunda desesperança. É uma surpresa ler esse relato na obra que justamente traz no título o oposto: a esperança.

Quando tinha entre 22 e 29 anos, especificamente, Paulo Freire conta que viveu tempos de muita melancolia e mal-estar. Buscando ir profundamente na raiz de seus sentimentos, ele narra que descobriu os gatilhos e as razões que o faziam se sentir daquela forma. “Desvelei o problema pela apreensão clara e lúcida de sua razão de ser. Fiz a ‘arqueologia’ de minha dor”, disse ele (FREIRE, 2020c, p. 43).

Paulo Freire “educou a esperança”, conforme visitava e revisitava suas memórias e conhecia mais intimamente suas dores, esperando e acreditando em dias melhores. Trazer à tona, hoje, as memórias do curso realizado em 2020 é uma forma de “educar a esperança” (FREIRE, 2020c, p. 42) que, em 2021, por todos os motivos já mencionados, parece querer nos abandonar.

Em texto anterior (BERINO; CABRAL, 2020), falamos, professor e aluna, sobre a experiência e os atravessamentos causados pela vivência do curso “Paulo Freire em tempos de distanciamento social”. Na ocasião, relatei que a experiência havia sido, em minha opinião, como uma experiência de cuidado mútuo entre os membros do grupo.

A palavra cuidado está presente no pensamento freireano de forma bastante sutil, mas faz parte da essência de sua proposta pedagógica. “Educar e cuidar coexistem, dialogam, complementam-se mutuamente e estão em sintonia com o propósito de estimular mulheres e homens a se aproximarem cada vez mais do conhecimento e a serem protagonistas de seu aprendizado, de sua história, de suas escolhas” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 117). Embora a palavra cuidar não esteja de forma explícita na obra de Paulo Freire, é possível conceber que ela é inseparável do sentido de educar freireano.

Educar e cuidar são lugares de esperança, verbos que precisam de zelo, de afago, de memórias. Educação e cuidado andam lado a lado na obra de Paulo Freire. “Se a educação é uma intervenção no mundo e existe porque mulheres e homens são seres inacabados e em



constante construção [...], o cuidado caminha junto” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 118).

Somos seres inacabados que leem o mundo, que intervêm no mundo e que se afetam por ele. Ler o mundo, buscar transformá-lo, não aceitar que o trágico da existência seja uma realidade dada são formas de cuidar e, também, são maneiras de educar em sentido freireano.

Todo o pensamento de Paulo Freire é permeado pelo ideal da esperança, que, além de dar nome a um de seus livros (FREIRE, 2020c), possui uma ligação direta com os conceitos de “sonho” e “inédito viável”. Ao lado do amor, a esperança aparece, no **Pedagogia do Oprimido** (2020b), como um aspecto fundamental para a realização do diálogo. O diálogo é movido pela esperança “não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2020b, p. 114).

Assim, a esperança é, para Freire, uma “necessidade ontológica”, um “imperativo excepcional e histórico” (FREIRE, 2020c, p. 14). A desesperança, por sua vez, é uma esperança que se perdeu no caminho. Por isso, cabe ao educador cuidar para que ela não se perca, não se desvie e não se transforme em desesperança ou desespero.

O esperar freireano é a possibilidade de transformação, é o vislumbre da superação das “situações-limite”, é a potência da realização dos sonhos, é o alcance do “inédito viável”, chamado por ele de “esperança histórica” (FREIRE, 2020c, p. 11). Assim, não há esperança na pura espera, mas na ação e na criação de uma realidade diferente que começa com as decisões tomadas agora.

Desse modo, escolho a palavra esperança para pensar a presença e a memória de Paulo Freire não só naquele momento da realização do curso, em 2020, mas para refletir sobre nosso cenário atual, sobretudo político, no ano em que se comemora o seu centenário. Como podemos esperar com Paulo Freire, se sentimos tanta raiva e indignação? Se estamos de luto por mais de 450 mil mortes (e contando...) por Covid-19? Se estamos assistindo à saúde e à educação agonizando, sem perspectivas de reação? Existe esperança possível na indignação?





Em **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**, Paulo Freire esclarece que este foi um livro escrito “com raiva, com amor, sem o que não há esperança” (FREIRE, 2020c, p. 17). Um livro que fala sobre a defesa da tolerância, que não se confunde com convivência, uma obra que se recusa a aceitar passivamente a onda conservadora e neoliberal, mas que pretende ser fonte de esperança em tempos difíceis e desafiadores, que nos parecem absolutamente atuais.

A esperança freireana não se aliena, portanto, à raiva e à indignação. Ela denuncia as injustiças sociais, as opressões e anuncia, ao mesmo tempo, “a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais radiante e espiritualmente mais humanizador” (FREIRE, 2020c, p. 11). Acredito que essa deva ser, hoje, a nossa luta.

Inalienável à esperança, a indignação aparece no pensamento freireano e também dá nome a um de seus livros (FREIRE, 2019). Obra póstuma, ou a obra que “celebra sua vida” (FREIRE, 2019, p. 14), como a organizadora e sua esposa, Ana Maria Araújo Freire, prefere que seja chamada, **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos** traz os últimos escritos de Paulo Freire.

Uma passagem bem marcante do livro diz respeito à terceira carta, em que Paulo Freire demonstra toda a sua raiva e indignação diante do brutal assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo por “cinco adolescentes que brincavam de matar” (FREIRE, 2019, p. 76).

Escrita atravessada por sentimentos de revolta e de inaceitação. Um Paulo Freire indignado, com uma esperança adormecida, inaparente, escreve que “não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, [...] brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor” (FREIRE, 2019, p. 77). E, ainda, perplexo, recusando-se a acreditar em tamanha atrocidade, ele frisa: “Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços *desgentificando-se*, no ambiente em que *descresceram* em lugar de *crescer*” (p. 76, grifos do autor).



Há alguns dias, o Rio de Janeiro assistiu à maior chacina já realizada por ações policiais na história da cidade. Oficialmente, 25 pessoas foram brutalmente assassinadas em uma operação violenta e injustificada da Polícia Civil na comunidade do Jacarezinho<sup>4</sup>. Hoje, 23 anos após o assassinato que indignou o mestre da esperança, o “andarilho da utopia”, ainda assistimos ao absurdo de gente que “brinca de matar gente” (p. 76). Pior ainda, assistimos à morte sendo utilizada como instrumento de poder por quem deveria nos proteger: o Estado. É a morte como política, a morte como gestão, a morte como banalização da vida.

Indignação é, portanto, a palavra “grávida de mundo” que encerra esta carta, pois acredito que não exista, hoje, sentimento que melhor nos represente. Em momentos como este, ficamos a procurar a boniteza, a amorosidade, a esperança e o amor de que tanto nos falou Paulo Freire. A desesperança faz vigília e espera nossos momentos de fragilidade para se instalar. Precisamos cuidar, vigiar e praticar um esperançar freireano que acredita em outro mundo possível, porque se recusa a aceitar este que aí está. Que a gente não deixe, portanto, de esperar, mas, ao mesmo tempo, que a gente não perca, nunca, a capacidade de se indignar.

\*

Rio de Janeiro, maio de 2021.

Talita,

Com razão, nosso curso, “Paulo Freire em tempos de distanciamento social”, poderá ser lembrado como uma “experiência existencial”, como você diz. Certamente você se lembra, iniciava os encontros *on-line* sempre fazendo alguma referência à situação da pandemia, no Brasil e no mundo. A experiência do encontro *on-line* foi inédita para mim na atividade do magistério, utilizando uma webconferência para encontros síncronos. Já havia atuado na chamada Educação a Distância (EaD), em um curso de pós-graduação, mas estávamos fazendo algo diferente, apesar da confusão, muitas vezes, sobre as nomenclaturas. Inclusive, antes do curso, mas já durante a pandemia, eu havia declinado de participar remotamente de

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/tiroteio-deixa-feridos-no-jacarezinho.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2021.



duas bancas porque não me sentia muito confiante para um encontro acadêmico *on-line*. Apenas enviei um parecer por escrito. Mas, na verdade, o motivo não era apenas o embaraço da utilização de uma nova tecnologia para o ensino, que até então eu não praticava. Em razão das notícias sobre as mortes, sobretudo, naquele momento, na Itália, mas que já antevia a evolução da pandemia no Brasil, eu sentia um certo constrangimento para lecionar aulas enquanto o mundo parecia em suspensão. Como você mesmo indaga, qual o sentido de pegar um autor para estudá-lo agora, no meio de uma pandemia? Para quê?

Então, eu precisava começar cada encontro falando da pandemia e das mortes, que acredito, inevitavelmente, ainda pairam de modo fantasmático sobre o ensino, mesmo remoto. Eu tinha o receio de parecer indiferente, já que o mundo acadêmico, longe de ter parado, acelerava, de modo vexatório, a respeito de tudo o que se passa. O filósofo Byung-Chul Han (2021, p. 13), em **Favor fechar os olhos: Em busca de um tempo outro**, faz uma observação que vem ao caso aqui: “O inquietante na experiência de tempo atual não é a aceleração como tal, mas sim a conclusão faltante, ou seja, a falta de ritmo e do compasso das coisas”. A minha percepção é a de que a vida, em geral, está em descompasso com a situação da emergência epidemiológica que vivemos. A pandemia parece constituir uma oportunidade às avessas para mais sobreposição de atividades, enquanto nada se conclui, no sentido de obter alguma satisfação, algum resultado estável. Realmente, não gostaria de ser mais um dos adeptos da sociedade do desempenho. A propósito, diz Byung-Chul Han (2017, p. 25): “O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência”. O sujeito do desempenho não precisa receber ordens, ele sai na frente para responder positivamente aos agenciamentos difundidos pelo capitalismo neoliberal.

Minha inquietação era de que iniciar um curso *on-line*, enquanto ainda estávamos com as atividades suspensas para o ensino regular na universidade, eu estivesse ajudando a evoluir a propaganda empresarial da educação e suas soluções que correm na direção da precarização do trabalho, da privatização do ensino e até do desaparecimento do professor, trocado por gravações de aulas, turmas com número desproporcional de discentes ou, ainda, substituído por robôs. Eu sabia que precisava de cautela a respeito da adoção do chamado “ensino remoto”. No entanto, também é verdade, já em abril de 2020, eu tinha, com relativa segurança, a compreensão de que o tempo da pandemia não era breve e não adiantava imaginar o adiamento da educação esperando seu término. Eu me lembro de ouvir de alguns



colegas sobre um retorno ao presencial em alguns meses. Li também sobre a defesa do presencial, que poderia esperar. Mas já em março eu havia lido dois artigos de Tomas Pueyo (2020a; 2020b) que me faziam crer que a situação da pandemia era bem pior do que a maioria dos professores gostaria de acreditar. A pandemia não seria debelada tão cedo. Mais de um ano depois, tampouco estamos perto do seu fim, no Brasil ou no mundo.

Portanto, em abril de 2020, quando iniciamos o curso, eu me via, como professor, diante de um emaranhado de fios difícil de desembaraçar prontamente. Uma das leituras do curso foi **Pedagogia da Indignação** e há uma passagem que muitas vezes recorri, desde o início da pandemia, para pensar a sorte da educação, ou seja, que fazer? “Como *presença* no mundo, corro risco”, diz Paulo Freire (2019, p. 32). O subtítulo do livro é **Cartas pedagógicas e outros escritos**. A passagem está na “Primeira carta. Do espírito deste livro”. É importante recuperar o contexto da sua escrita, quando fala do “risco”. Trata-se de um texto que escreveu em janeiro de 1997, então, poucos meses antes da sua partida, em maio. Há uma reflexão do Paulo Freire aí muito próxima de alguns dilemas que vamos nos deparar ainda nas duas décadas seguintes e até agora. Um Paulo Freire “atual”.

“É como se hoje fôssemos mais jovens do que ontem”. Curiosa frase de Paulo Freire (2019, p. 32), sobre o que parece ser uma experiência de ultrapassagem do tempo. Um pouco antes, ele diz, “Vivemos um tempo de transformações cada vez mais radicais nos centros urbanos mais dinâmicos” (p. 31). Paulo Freire está atento ao seu tempo e isso aparece nos seus textos tardios. Um pouco mais adiante ele dirá: “As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança” (p. 32). Ele está, portanto, apontando para mudanças no seu tempo, mudanças que são caracterizadas por tecnologias que substituem outras ou que desenvolvem as existentes, revolucionando nossos modos de estar no mundo. As três frases foram extraídas do longo primeiro parágrafo da primeira de outras cartas que constituiriam sua obra seguinte, o livro **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Um livro que só foi publicado postumamente, editado por Ana Maria Araújo Freire, já que ficara inacabado.

Estamos falando de um dos últimos textos escritos por Paulo Freire, quando ele já se concluía sobre a introdução de tecnologias que mudariam radicalmente muitas das nossas práticas sociais. É no parágrafo seguinte que Paulo Freire fala sobre o “risco”, que mencionei há



pouco. Ele observa que ao lado da criatividade, da curiosidade e da liberdade, também a inovação faz parte da mobilidade humana e “risco” está inserido como um elemento constante, sem o qual não haveria cultura nem história. Por risco, penso naquilo que não possui um sentido absoluto, ainda que pese uma ameaça ou perigo. Sem correr risco, contudo, seríamos apenas conformados em relação ao que vivemos e nos desafia à criação e mudança. Claro, assumir o risco não pode significar adesão indiferente à coisa alguma. Assumir o risco é saber ver os indícios e prenúncios que fazem parte da sua composição e ter clareza do que está sendo disputado.

Foi assim que vi o início da minha atividade *on-line* com o ensino. Mesmo sabendo dos riscos, bastante consciente do que significava para os negócios e as práticas neoliberais, analisei que a negação constituía uma paralisia, uma vez que um elemento que precisava ser incluído no exame da situação do ensino durante a pandemia, porque o tempo da pandemia não estava sob controle também. Erraram aqueles que sugeriram esperar para retomar o presencial. Parecia uma posição mais garantida, mas não era. Na verdade, recusaram-se a ver o que era realmente o estado de emergência epidemiológica da Covid-19. Não que existisse uma opção fácil e evidente. A erupção da pandemia colocou a educação integralmente em estado de risco. O risco é o que precisava ser compreendido – e assumido, não importa em qual direção. A posição mais alienada era, e é ainda, aquela que não consegue ver que já estamos em condições transformadas e é preciso considerá-las de frente, diante dos problemas que a pandemia nos situa.

Paulo Freire já percebia como a atividade humana se transformava com as “revoluções tecnológicas” e não deixou de expor suas condições. Em outro texto incluído no livro, “Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica”, escrito em abril de 1996, diz Paulo Freire (*ibidem*, p. 118): “Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela”. Da minha parte, penso que não deveríamos nunca reagir superficialmente às “revoluções tecnológicas”, isto é, ignorar suas determinações sociais. Elas fazem parte da luta de classes. O que também não significa para mim, contudo, que a luta de classes nos finaliza. Não, ela precisa ser, de fato, lutada. A maior vítima da pandemia na educação, não foi causada pela Covid-19, mas pela classe dominante, no Brasil. A classes média mais abastada e, também, a classe alta, elas introduziram suas soluções à escola imediatamente. O problema foi a situação



da escola pública e popular. Para elas, de um modo geral, ficou a escassez e o abandono. Alunos(as) e professores(as), sem proveito das “revoluções tecnológicas” para atravessar a pandemia.

Agora volto ao início da minha carta, quando me referi também à “experiência existencial” do curso. Você lembrou um episódio “existencialista” de Paulo Freire – aliás, existem muitos outros na sua vasta obra. A propósito de um sofrimento muito intenso que viveu entre os 22 e 29 anos. Ele fala do estado de desânimo e até um desinteresse pelo mundo, que constantemente o afetava. Ele faz, então, como você lembrou, uma “arqueologia da dor” que sentia. Consistia em identificar os elementos que estavam presentes quando se sentia mal. Sua pesquisa chegou até à morte do pai, desnudando uma trama. O que acho mais experiencial na sua narrativa é a imagem de alguém que precisou caminhar à procura da sua dor para saber dos seus motivos, como a expressa na seguinte passagem (idem, 2020c, p. 43): “Foi sob a chuva forte que visitei o morro da Saúde, onde menino, vivi. Parei em frente à casa em que morei. A casa em que meu pai morreu no fim da tarde do dia 21 de outubro de 1934”. Em toda a narrativa, Paulo Freire precisa caminhar, atravessar alguns cenários, em risco, até chegar à sua dor.

Foi o mesmo existencialismo freireano que me fez ver ser necessário começar um curso *on-line* quando parecia intimidador iniciá-lo. Prevaleceu uma inquietação sobre a indiferença política, sobre a sorte das classes populares durante a pandemia e o sentimento de que experimentar uma educação *on-line* correspondia a uma busca, nas condições da pandemia, para responder ao desafio de seguir com o ensino, apesar dos riscos. A opção por “caminhar” não eliminava tudo o que poderia pesar contra a minha escolha, mas, ainda assim, me parecia mais acertado experimentar suas contradições do que simplesmente dar às costas sem me movimentar, apenas esperando “passar a pandemia” – a dor não passa sem riscos. A pandemia é fantasmática, mas acreditei, naquele momento, e continuo acreditando, que é possível percorrer seus cenários, em distanciamento social e desnudando o que é, política e socialmente, em prática educativa dialógica, solidária e transformadora – necessária mais do que nunca.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de cartas em um artigo foi uma decisão política e estética. Um artigo a “quatro mãos” que pudesse expressar uma correspondência docente e discente sem subtrair a alteridade de cada voz. Trata-se de algo importante quando falamos de Paulo Freire, isto é, no modo como entendemos que o seu legado vive e agora comemoramos seu centenário. Se estamos lembrando uma experiência educativa que foi inédita para a maioria, um curso *on-line*, ainda no início da pandemia, que nos lançou à quarentena, comunicar seu significado pedagógico adquire uma legitimidade que acreditamos mais certificada se é possível conter, em um mesmo espaço, discência e docência. Ainda que cada um desses lugares mantenha suas respectivas identidades e responsabilidades, o trabalho de prestar atenção em outra voz e, de alguma maneira, ensejar o comum é a única prática possível para uma educação libertadora, implicada mais com as rocas do que com a existência de identidades estáveis e definitivas. Tentamos escrever deste modo.

## REFERÊNCIAS

BERINO, Aristóteles; CABRAL, Talita. Paulo Freire *on-line*: Um ensaio estético. **Revista Docência e Cibercultura**, [Notícias], *on-line*, 27 de julho de 2020. ISSN: 2594-9004.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/redoc/announcement/view/1130>. Acesso em: 02 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação de Ana Maria Araújo Freire. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2020c.



HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: Em busca de um tempo outro. Petrópolis: Vozes, 2021.

PUEYO, Tomas. **Coronavírus**: O Martelo e a Dança. [S.l.: s.n.], 2020a. Disponível em: <https://medium.com/altru%C3%ADsmo-eficaz-brasil/corona-v%C3%ADrus-o-martelo-e-a-dan%C3%A7a-d396553e928b>. Acesso em: 30 maio 2021.

PUEYO, Tomas. **Coronavírus**: Por que se deve agir agora. [S.l.: s.n.], 2020b. Disponível em: <https://medium.com/altru%C3%ADsmo-eficaz-brasil/coronav%C3%ADrus-por-que-se-deve-agir-agora-d92485ad38d9>. Acesso em: 30 maio 2021.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.